

Viés de baixa

O enunciado do problema é simples: o Brasil precisa de investimentos para ampliar a produção de setores que tenham condições de simultaneamente abastecer o mercado interno e ainda exportar. Isso exige a redução do conjunto das taxas de juros para patamares que estimulem o investidor a correr mais riscos.

Mas há um complicador no caminho: essas mesmas taxas de juros devem ser altas o bastante para conter pressões inflacionárias — como aquelas produzidas por um aumento do salário-mínimo ou um previsível reajuste nos combustíveis — e contribuir para um certo equilíbrio nas contas externas. Por outro lado, está longe de ser desprezível o efeito negativo das altas taxas de juros sobre as finanças públicas. O ajuste fiscal vem exigindo

pesado sacrifício das empresas e dos contribuintes — que merecem um esforço para diminuição dos encargos financeiros da dívida pública. A combinação desses fatores conflitantes entre si conduz à conclusão de que não se devem esperar, daqui para a frente, quedas como as do primeiro semestre. As autoridades monetárias provavelmente traçarão uma trajetória de queda em doses homeopáticas, aproveitando-se oportunidades que surjam no mercado.

Até a semana passada o quadro era desfavorável, mas o leilão do Banespa — levando-se em conta principalmente o tamanho do ágio — gerou um clima positivo que pode ser aproveitado pelo Comitê de Política Monetária (Copom) na reunião que será concluída hoje à tarde. Com prudência: provavelmente, um viés de baixa nos juros básicos.